

A Mulher que (Des)Aparece e onde (Des) Encontrá-la: Um Breve Estudo sobre os Sentidos da Mulher na Wikipédia e no Discurso Científico

Roberta Luiza de Castro Pereira (FTESM)

Phellipe Marcel da Silva Esteves (UERJ)

RESUMO

Todos os dias milhares de pessoas acessam os portais multilíngues da enciclopédia virtual *Wikipédia*. Apesar da desconfiança por meio do mundo intelectual, ela é uma das obras de referência de maior alcance, penetração e importância na contemporaneidade. Os discursos lá circulantes afetam e constituem a interpretação de um sem-número de sujeitos cotidianamente: chega-se a esse instrumento antes de se alcançar um livro específico sobre o assunto pesquisado. Neste artigo, pretendemos, por esses motivos e com base na Análise do Discurso materialista, investigar de que modo vão se construindo imagens de *mulher* no instrumento referido, além de buscar entender como o discurso científico semantiza também esse lugar social-sexual-de gênero.

ABSTRACT

Everyday millions of people access the multilingual web portals of the virtual encyclopedia *Wikipedia*. Despite the mistrust by the intellectual class towards it, it is one of the most important, far-reaching and escalating contemporary reference works. Day by day, its discourses affect and constitute the interpretation of countless people: this instrument is consulted before books about a specific subject are opened. Thus, with the help of materialistic Discourse Analysis, in this article we intend to investigate in which way the images about *woman* are built in the referred instrument. Besides, we'll seek to understand how the scientific discourse also semantizes this social-sexual-gender place.

1. Introdução

Neste trabalho, que é parte modificada da monografia de uma das coautoras — Roberta Luiza de Castro Pereira —, intitulada *Do Barro ao Corpo Biológico: A Wikipédia e os sentidos sobre homem e mulher*, pretendemos analisar recortes dos verbetes HOMEM e MULHER na *Wikipédia*, ancorados no aparato teórico da Análise do Discurso (AD), praticada por Michel Pêcheux na França e, no Brasil, pelo grupo de Eni Orlandi. Também analisaremos como se dá a (não) semantização, o apagamento da mulher em um experimento científico denominado “Draw-A-Scientist Test”. Para tal, recorreremos a noções basilares do dispositivo teórico da AD, tais como formação discursiva, condições de produção, funcionamento discursivo, interdiscurso e silêncio. Nossos objetivos são:

- (a) *averiguar alguns dos sentidos dominantes sobre mulher nos referidos verbetes da Wikipédia;*
- (b) *verificar com que outros discursos o discurso sobre mulher se choca/se encontra na referida enciclopédia virtual;*
- (c) *reconhecer como se dá a divisão discursiva entre homem e mulher no instrumento linguístico (AUROUX, 1992) mencionado;*
- (d) *apontar semelhanças entre dois veículos de divulgação científica produzidos em épocas e lugares distintos. Para tal, identificamos como objeto de pesquisa o discurso sobre a mulher.*

2. Como se Enquadra a Wikipédia entre as Enciclopédias?

Interpretemos as condições de produção da enciclopédia em questão. A *Wikipédia* é a enciclopédia virtual *on-line* mais acessada do mundo.¹ Tal fenômeno pode decorrer, entre outros fatores, da sua concepção como uma enciclopédia gratuita e colaborativa em que todos² podem editar

1. Configura o 7º lugar entre os sites mais visitados da internet. Informação obtida por meio do sistema de ranqueamento do site Alexa, que se baseia no número estimado de visitas que cada site recebe. Endereço: <<http://www.alexa.com>>.

2. Ressalvados os que se não se encaixam na definição proposta por Scotta (2008), que define os escritores

seus verbetes. Cada sujeito participante da construção de um verbete da *Wikipédia* ganha o nome de *wikipedista*, *editor* ou *usuário*.³ Essas posições, se pensadas como um complexo, constituem a função-autor (ORLANDI, 2012)⁴ de um discurso de divulgação científica⁵, que é exposto a um público que se depara com textos anônimos.

No entanto, embora os wikipedistas desejem não se fazer ouvir enquanto sujeitos constituídos histórica, social, ideológica, culturalmente — tentando desaparecer, como se o conhecimento estivesse localizado fora deles, através do supracitado anonimato —, deixam seu rastro no fio do discurso de cada um dos verbetes do site. E, embora não possam ser delineados empiricamente, eles existem na materialidade do discurso. Os sentidos que circulam dentro das formações discursivas — complexo de tudo aquilo que pode e deve ser dito dentro de dadas condições de produção sócio-históricas — que perpassam os verbetes “homem” e “mulher” são reproduzidos pelo montante de 1.164.019 usuários registrados [dados de 9 de julho de 2013] na enciclopédia; a *Wikipédia* atesta, ainda, que o número de usuários não registrados (anônimos)⁶ é bastante superior.

da *Wikipédia* como “aqueles sujeitos letrados, que possuem acesso à Internet, certa habilidade para navegar e atribuir sentidos na rede e iniciativa de colaborar com este projeto [a *Wikipédia*]” (p. 58). Mais do que isso, quem escreve os verbetes “homem” e “mulher” analisados deve possuir conhecimento daquilo que a *Wikipédia* considera língua portuguesa.

3. Categoria retirada de: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Usu%C3%A1rios>>. Acesso em 19 jun 2013.

4. Eni Orlandi desloca a ideia de função-autor apresentada por Foucault (1971), estendendo a noção de autoria para além de sua concepção como “princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações”, considerando como autor qualquer produtor de linguagem que se coloca na origem da textualidade e é afetado “pelas exigências de coerência, não contradição, responsabilidade etc.” (p. 75). Sendo assim, os wikipedistas, embora não possam ser identificados facilmente, constituem essa função-autor por se colocarem como origem daquilo que é apresentado — ainda que de modo apagado pelo rótulo *Wikipédia*. Trata-se de uma modalidade de autoria em que se apaga a própria assinatura, mas em que se conserva a noção de organização e dotação de unidade textual aos verbetes. Além de tudo, na *Wikipédia* há um funcionamento hipertextual também promovido por algo que poderíamos chamar de uma hiperautoria institucional: a enciclopédia se responsabiliza por conectar seus diversos verbetes de modo que o leitor possa alcançar um nível de informação abrangente de dentro do portal.

5. Segundo Jacqueline Authier-Revuz (1998 [1992]: 11-14), o discurso de divulgação científica — D.C. — é resultado de um processo de reformulação de um discurso científico atrelado a diretrizes pedagógicas que geralmente está subordinado às seguintes características: 1) a D.C. é escrita de forma simplificada, a fim de mostrar o resultado das pesquisas científicas; 2) há um distanciamento em relação aos pontos de discurso apresentados por outras vozes, fato ilustrado por meio de marcas de heterogeneidade: ou seja, aspas, glosas, citações de nomes, numa forma de colocar o discurso do outro como exterior; 3) ancoragem temporal marcada; 4) explicação de termos eruditos; 5) designação de interlocutores e dos atos que os ligam; 6) apresentação da “verdade” (tendenciosidade monológica), etc.

6. Anônimos até certo ponto. A *Wikipédia* tem meios de verificar, por rastreamento de IP — Internet

Orlandi (2012) teoriza que podemos considerar as condições de produção, de que já falamos anteriormente, em dois sentidos: o estrito, também chamado de contexto imediato – as circunstâncias de enunciação – e o amplo – que inclui o contexto sócio-histórico e ideológico, de tal maneira que o que dizemos não são nossas palavras; elas significam pela história e pela língua (ORLANDI, 2012: 32). Devemos, portanto, considerar as condições de produção do discurso sobre mulher da *Wikipédia* e, para isso, deve ser levado em conta a conjuntura binária em que a formação social brasileira está inserido, ao menos no que diz respeito ao gênero: diz-se, em relação ao sexo, de homem e mulher, masculino e feminino. Para pensarmos nos sentidos sobre mulher, assim, precisamos contrastar o verbete *mulher* com o verbete *homem*, de modo a empreendermos uma comparação entre as distintas discursivizações. Seguem, adiante, alguns sentidos produzidos pelos verbetes.

3. Mulher, o Sexo Obviamente Racional

Para evitar uma repetição constante sobre a indicação de quais sequências discursivas pertencem a quais verbetes, visto que os analisaremos em conjunto e em contraste, os introduzimos por uma diferenciação gráfica. As sequências discursivas que vierem com a terminação “vh” (verbetes “homem”) ao lado da sigla “SD” referem-se ao verbete em questão. As sequências retiradas do verbete “mulher” virão com a terminação “vm”. Esses recortes são numerados segundo a ordem em que aparecem na enciclopédia.

No início dos textos dos verbetes, encontramos as seguintes sequências discursivas (todas *sic*):

SDvm1: *Uma mulher (do latim muliere¹) é um ser humano adulto do sexo feminino.*

SDvh1: *Um homem é um ser humano do sexo masculino, animal bípede da ordem dos primatas pertencente à subespécie *Homo sapiens sapiens*.*

Protocol —, quais são, se não os sujeitos, os computadores donde acessam os sujeitos que fazem parte da massa colaborativa do site.

O que se percebe, de início, é uma tentativa de padronização dos verbetes. O texto do primeiro verbete (SDmv1) soa como o texto do segundo (SDvh1), fenômeno que se repete durante todo o texto e que podemos, retomando os princípios de linguística textual, chamar de paralelismo estrutural. Contudo, mesmo com o esforço de padronização textual (repetição de estruturas frasais e tematização), ainda vemos diferenças entre eles: algo que a Análise do Discurso chamará de equívoco, de falha no ritual. Nesse caso, falha no ritual de discursivização paralela, em todos os aspectos, de *homem* e *mulher*. Por exemplo: na SDvm1, é apresentada a etimologia da palavra *mulher*, o que não acontece na segunda. Isso não se dá de forma aleatória: produz-se o efeito de que o leitor da *Wikipédia* saiba de onde vem a palavra homem, e não a palavra mulher – ou seja, que tal informação esteja inscrita na ordem do interdiscurso⁷ do qual ele faz parte.

A segunda diferença entre os verbetes acontece com a omissão da espécie à qual pertence o ser humano na SDvm1. Como já apontado, a construção do verbete *homem* é direcionada a um contraste entre o ser humano macho e o ser humano fêmea. Nossa hipótese é de que a informação sobre a espécie humana — expressa como “animal bípede da ordem dos primatas pertencente à subespécie *Homo sapiens sapiens*” — não encarada como necessária na escrita do verbete. Talvez por se produzir a imagem de que, para se fazer a leitura do verbete *mulher*, é necessária a leitura de um verbete mais genérico, mais matricial, como *homem*, dado o funcionamento circular e hipertextual da enciclopédia. A informação sobre o nome científico da espécie é citada no verbete *homem*, e não no verbete *mulher*. Isso indica uma inclinação da espécie humana associada ao homem, que é reforçada pela SDvh2:

SDvh2: *O termo Homem, com inicial maiúscula, pode ser utilizado ainda para se referir ao ser humano de maneira geral, seja ele homem ou mulher, embora essa aplicação esteja sendo questionada por feministas.*

7. O interdiscurso, para a Análise do Discurso, representa a memória de tudo aquilo que já foi dito. É a esfera donde se extraem os sentidos, bem como os significantes de produção desses sentidos. Não deve ser confundido com intertextualidade, que diz respeito, nas teorias do texto, ao encontro de um texto em outro texto, de modo observado ou constitutivo. Para a AD, o interdiscurso é um princípio de constituição do sentido. A intertextualidade seria um final.

Zoppi-Fontana (2004) chama isso de processo de universalização. O efeito de identidade “homem” representa, universalmente, tanto o particular ser humano macho quanto o particular ser humano fêmea. Engendra-se, assim, uma lógica própria no verbete que não necessariamente é vista em documentos em língua portuguesa, pelo menos não no Brasil,⁸ em que Homem, quando sob o efeito de processo de universalização, possui inicial capitalizada. Discurso aparentemente lógico esse que é desmantelado em mais de uma situação, o que ilustra a fragilidade de uma ressignificação imposta às posições-sujeito que não possuem a vivência com o termo ante a força dos sentidos que orbitam próximo às condições de produção das quais os wikipedistas fazem parte. Segue uma sequência discursiva que aponta para essa direção:

SDvh3: *Os filósofos gregos buscaram durante séculos a definição do que é um **homem**, sendo a mais conhecida a que o descreve como bípede implume (duas pernas e sem penas). E Aristóteles a concebeu quando afirmou que o **Homem** é o animal racional. Essa definição vale para ambos os sexos, pois ambos os sexos são racionais, obviamente. [negritos nossos]*

A SDvh3 é bastante curiosa. Além de apontar a contradição de sentidos (particular x universal), ela indica que, mesmo quando a palavra Homem é utilizada da forma esperada – cumprindo os objetivos de um texto como busca a função autor produtora, a coesão e coerência –, ela falha em produzir o efeito de sentido desejado: algo falha. Mesmo quando a palavra Homem é cautelosamente aplicada (e é notável que isso aconteça no exato parágrafo em que há um deslizamento de sentido em cima do termo “homem”), ela provoca a necessidade de orações que a esclareçam.

O que acontece na SDvh3, com relação à palavra Homem, é a constituição dos sentidos conforme um já-dito sobre o termo. A SD nos diz que “Homem é o animal racional”, e logo após aponta que “a definição vale para ambos os sexos, pois ambos os sexos são racionais, obviamente”.

8. Enquanto essa diferenciação gráfica é encontrada no dicionário on-line *Houaiss* <<http://dicionario.cijun.sp.gov.br/houaiss/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>>, ela não comparece no *Caldas Aulete* <<http://www.aulete.com.br/>>, que aponta a locução “os homens” como definida por “As pessoas em geral; a humanidade; o homem como espécie”.

Temos não só uma, mas duas orações – coordenadas entre si pela conjunção coordenativa “pois” – estabelecendo relação de sentido de explicação em relação ao período anterior: “Essa definição vale para ambos os sexos” e “pois ambos os sexos são racionais, obviamente”. Sabe-se que Aristóteles atestava a inferioridade do sexo feminino, taxando-o de, entre outras coisas, irracional (SCHMIDT, 2012). Mesmo que tal sentido não seja produzido de modo mais explícito (o texto não apresenta, por si só, nenhuma inferência a uma inferioridade intelectual feminina), ela se faz presente pela falta, através da negação de um enunciado. “A mulher não é inferior, como Aristóteles dizia”. O verbete se esforça para se contraidentificar (PÊCHEUX, 1997 [1975])⁹ com discursos que consideram a mulher inferior, mas ainda assim materializa essa inferioridade como traço heterogêneo do discurso.

Além das duas orações, temos o adjunto adverbial de modo “obviamente” ao final do período. Semanticamente, esse tipo de adjunto predica uma ação verbal, atuando sintaticamente como sua modificadora: sendo um termo acessório, poderia simplesmente não figurar na estrutura sintática, não é nuclear. Falar “obviamente”, então, é reforçar não o sentido de que tal ação é óbvia para o leitor, mas exatamente que ela *precisa* ser óbvia; caso contrário, cai-se no politicamente incorreto.

O texto é veemente em negar os sentidos da formação discursiva (FD) donde é produzido o discurso de inferioridade feminina (utilização da capitalização + duas orações que reforçam o dito que deveria estar implícito pela primeira oração + uso de termo acessório), chegando a modificá-lo, provocando o efeito de sentido esperado, mas perecendo em sua própria tentativa – e reconhecendo isso. Essa necessidade de se fazer ser interpretado de uma forma e não de outra por meio de uma constante negação de um discurso pode ser entendida como um indício de que tal discurso ainda vigora com grande dominância na nossa formação social, e também na própria Wikipédia.

9. A contraidentificação é uma modalidade de identificação do sujeito com dada formação discursiva. Diferentemente do que ocorre com a identificação, em que uma posição-sujeito projeta os sentidos dominantes de uma FD nos discursos que produz, a contraidentificação se desloca em relação aos sentidos da FD: “A segunda modalidade [contraidentificação] caracteriza o discurso do “mau sujeito”, o discurso no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação revolta... com respeito ao qual o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno)” (PÊCHEUX, 1997 [1975]: 215).

4. O Corpo Desnudo que não é visto

As próximas sequências discursivas fornecem sentido ao corpo físico da mulher, cruzando-se com um discurso biológico/biologizante:

SDvm8: *A vagina pode ser um órgão com funções de cópula e de parto. Frequentemente a palavra “vagina” é usada de forma coloquial e incorreta para se referir à vulva ou à genitália externa das fêmeas, que inclui também os lábios, o clitóris e a uretra.*

SDvm9: *Em mulheres maduras, o seio é geralmente mais proeminente quando comparado a maioria dos outros mamíferos, mesmo no período em que não está amamentando. **Essa proeminência não é necessária para a produção de leite.** [negrito nosso]*

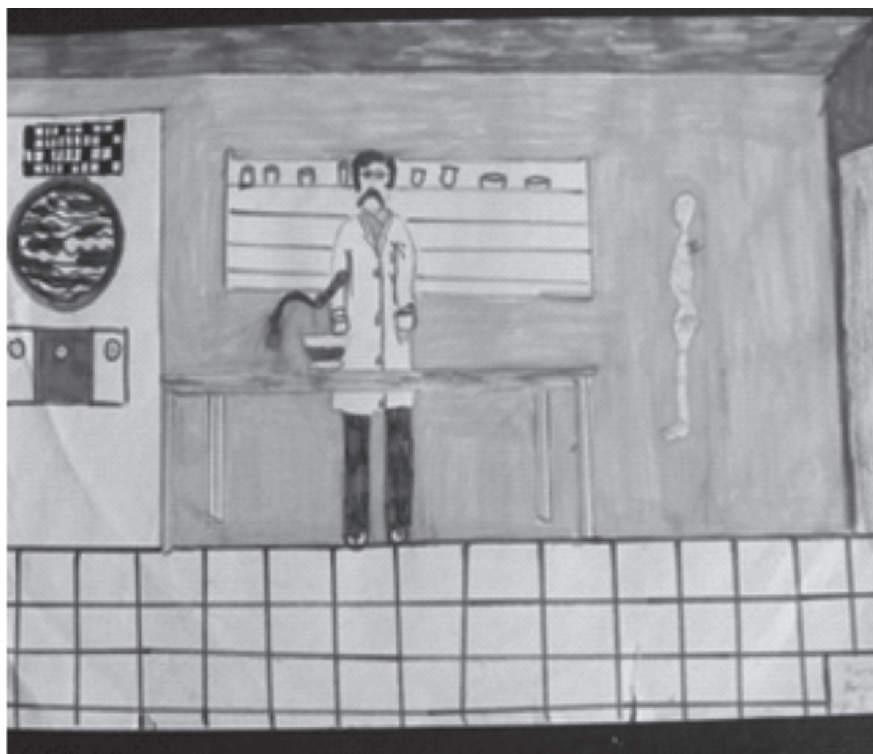
Há aí duas SDs que evocam algo em comum: concepções sobre corpos femininos consideradas erradas/ignorantes. A primeira SD é direta ao ponto – atesta que a palavra “vagina” é mal-utilizada e define o termo a partir desse erro. No segundo caso, ocorre os efeitos do já-dito sobre a construção frasal, que nega um enunciado existente fora dessa textualidade, como se contestasse uma formação discursiva outra, que afirma que a proeminência é necessária para a produção de leite. Pode-se dizer, a partir dessa leitura, que as “coisas a saber”¹⁰ (PÊCHEUX, 2008 [1983]: 34) sobre os corpos femininos (aquelas sustentadas pela FD biológica) se discursivizam como não suficientemente bem-conhecidas/difundidas, ao menos não na perspectiva da posição discursiva enciclopedista, que fornece unidade textual ao verbete. Comparativamente, a SD masculina não carrega nenhum sinal dúvida/informação considerada errada quanto à anatomia/funcionamento dos corpos masculinos.

10. Conhecimentos acumulados a gerir e transmitir socialmente que ameaçam “faltar à felicidade do “sujeito pragmático”” (PÊCHEUX, 2008 [1983], p 34); são uma ameaça porque existem, por serem “reais” e por afetarem esse sujeito, mas também são conhecimentos que fazem com que o sujeito enfrente esse real. Daí surge a necessidade de se categorizar uma multiplicidade de coisas a saber de maneira homogênea para que se tenha uma “verdadeira” capacidade para enfrentar tais ameaças.

5. Uma Imagem Cala Mais de Mil Palavras

O que as duas imagens a seguir têm em comum? O que elas retratam imediatamente não é difícil de detectar: a primeira, retirada do verbete “Mulher”, da *Wikipédia*, é a reprodução da obra “Jovem mulher com flores corda-de-viola no cabelo”, do pintor Jules Joseph Lefebvre. Retrata uma jovem mulher branca de cabelos lisos e ruivos adornados por flores, seios desnudos e um sorriso plácido em seus lábios, enquanto olha para cima, encarando algo a que o espectador não tem acesso.





A segunda foi produzida por uma criança em um experimento denominado “Draw-A-Scientist Test” – que teve a liderança de Chambers (1983) – e mostra o desenho de um cientista, um homem branco, de cabelos castanhos e um grande bigode da mesma cor, óculos, vestindo um jaleco branco com as mãos nos bolsos. À sua frente, há uma mesa que suporta o que parece ser um *bico de bunsen* ligado a um tubo de ensaio, ou a um pote – ou talvez seja um microscópio. Atrás do homem, há uma série de prateleiras com vasilhas e tubos em sua superfície. Há também uma porta – ou computador gigante – do lado esquerdo do cientista e, do direito, um boneco anômico.

No entanto, o que essas imagens não dizem, não representam im-
geticamente, demanda um pouco mais de atenção para ser ouvido. E é aí
onde elas convergem – além do fato de ambas serem pinturas e retratarem
pessoas brancas. Segundo Orlandi (2008), o silêncio fala. Não só fala como

apresenta variações – há, para a autora, dois tipos de silêncio: o “silêncio fundador”, que é a base da produção dos sentidos, e o “silêncio local”, ou “silenciamento”.

No silêncio constitutivo, o sujeito diz X para não dizer Y (ORLANDI, 1997 *apud* ROMÃO et al., 2008: 3), isto é, quando um sujeito produz um enunciado, ele automaticamente silencia outros sentidos possíveis, mas não desejados – não necessariamente conscientemente, mas indesejados pelo próprio bojo da formação discursiva que fornece os sentidos dominantes para dado enunciado. Já o silêncio local é definido como

*a interdição manifesta da circulação do sujeito, pela decisão de um poder de palavra fortemente regulado. No autoritarismo, não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar diferentes posições: ele só pode ocupar o “lugar” que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito. (ORLANDI, 1997: 81 *apud* ROMÃO et al., 2008: 3).*

Dito isso, onde se encontra a área de convergência entre os não dizeres – entre os silêncios – calados pelas imagens acima? Encontra-se, pois, no que se cala: diversos sentidos sobre mulher se apagam ao se olharem, ao se interpretarem as imagens.

A imagem da mulher ruiva não é a única encontrada no verbete, mas é a mais importante para a análise que nos propomos a fazer. Há também, no verbete “Mulher”, uma imagem do símbolo de Vênus; uma imagem do sistema reprodutor feminino; uma representação gráfica de um cariótipo feminino. E outra imagem muito parecida com a retratada, de uma jovem nua em uma pintura em condições similares à apresentada.

O que acontece com essa imagem representativa selecionada que a diferencia das outras é que ela vai significando aquilo que predominantemente se projeta como imagem do corpo de um ser humano do sexo feminino. Diferentemente de como o faz o discurso biológico — que tende a produzir imagens sobre os órgãos internos ou cromossomos —, idealiza-se o corpo de uma pessoa do modo como a veríamos ao olho nu; por mais que se tenha conhecimento, muitas vezes, de como esses corpos são internamente, quando se fala de homem, de mulher etc., se imagina sua corporeidade externa, ao menos imediatamente.

Aqui, abrimos um parêntese: as imagens que representam a figura humana no verbete homem não fogem desse campo associativo. São imagens de esculturas de homens brancos, ou desenhos de homens com traços físicos que lembram homens brancos. É por esse viés que identificamos, nos verbetes, um trabalho que insiste em não representar nada que fuja aos sentidos-padrão de homem e mulher. Não há nada além de pessoas brancas, jovens, magras e sem nenhum “defeito genético” aparente. Por meio das imagens, um tipo de etnia, de corpo, de divisão social – calcada na separação de pessoas por grupos etários – ganha visibilidade, enquanto outros tipos são silenciados.

E o que ambas as representações de homem e mulher têm a ver com o cientista de bigode? Muita coisa. A imagem do cientista, retirada do já mencionado “Draw-A-Scientist Test”, é parte de um projeto que funcionou da seguinte forma: 4807 crianças de cinco a onze anos de idade foram escolhidas para que desenhassem um cientista — lembrando que, em inglês, o substantivo *scientist* não está nem no masculino nem no feminino: expressa, ao mesmo tempo, essas duas noções gramaticais de gênero; além do mais, os artigos definidos e indefinidos em inglês também não são flexionáveis em gênero. A instrução era para que trabalhassem sozinhas em seus desenhos, e nenhuma discussão prévia sobre o assunto aconteceu antes de as crianças começarem a desenhar. O homem, acompanhado do boneco anatômico, visto acima, é obra de uma das crianças do projeto.

Dessas 4.807 crianças, 49% eram meninas, contra 51% de meninos. O artigo em que o projeto foi publicado – que data de 1983 – cita algumas características-padrão dos desenhos: em muitos, há a presença de jalecos, óculos, pelos faciais, símbolos de pesquisa científica, instrumentos tecnológicos, fórmulas, etc. E, o mais importante: homens. Os discursos que significavam *scientist* à época, entre crianças, claramente privilegiava homens – mais precisamente, dos 4.807 desenhos, 4.779 mostrava que cientistas eram homens. Mesmo com o contingente de meninas do projeto, que abarcava mais de 2.300 meninas, apenas 28 delas desenharam uma mulher como cientista. E nenhum menino o fez.

O objetivo do projeto era detectar por que caminhos os sentidos sobre cientista perpassavam, a imagem estereotípica daquilo que é um cientista no imaginário infantil por meio de desenhos – ou, em outras palavras, um compilado imagético do que seriam as coisas a saber sobre cientistas sob o olhar de crianças. Nem mesmo a grande maioria das meni-

nas, empiricamente – identificada ou não com a forma-sujeito mulher –, foi capaz de capturar, via interdiscurso, um sentido próximo ao lugar social e na divisão binária de gêneros que ocupam, o da mulher, na produção da ciência.

6. Conclusão, ou Início de Debate

Neste curto artigo, nós, autores, demos início a um trabalho que pretendemos continuar, e que diz respeito à produção de sentido sobre mulher nas enciclopédias que circulam no Brasil. As imagens de sujeito feminino produzidas nesses instrumentos são também responsáveis pela forma como os leitores interpretam o papel social da mulher na sociedade, bem como sua relação com a família, com o sexo, com o trabalho, com a vida, como um todo. Em especial, com padrões de corpo: esbeltas, brancas, de cabelos lisos, narizes e lábios finos. Isso se reflete na forma como a mulher age na formação social em que está inserida. Diz respeito a como ela circula entre semelhantes e se relaciona com o lugar social que, além de tudo, representa a espécie humana, de modo mais genérico: o homem. Essas imagens podem ajudar a legitimar, também, que uma criança imagine que cientistas são apenas homens. Que mulheres não podem desempenhar esse lugar social de relevo e de destaque na formação social em que se vive. É justamente por conta desse sentido dominante, desse estereótipo, que prosseguir nesse estudo é necessário.

7. Referências

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992b.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad.: Claudia R. Castellanos Pfeiffer, Gileade Pereira de Godoi, Luiz Francisco Dias, Maria Onice Payer, Mônica Zoppi-Fontana, Pedro de Souza, Rosângela Morello, Suzy Lagazzi-Rodrigues. Campinas: Editora da Unicamp, 1998 [1992].

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, S. M. R. ; VIEIRA, I. M. . *O Jogo discursivo do dizer e do silenciar: denúncias de corrupção no governo Lula. Achegas.net*, v. 39, p. 1-15, 2008.

SCHMIDT, R.T.. *Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. Organon (UFRGS)*, v. 27, p. 233-262, 2012.

SCOTTA, Larissa. 2008. *Da Enciclopédia Enquanto um Círculo que se Fecha à Wikipédia Enquanto uma Rede que se Abre: um gesto interpretativo*. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFSM.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni. Efeitos do verbal sobre o não verbal. *Rua* (Revista do Número de Desenvolvimento da Criatividade) N°1. Campinas: Unicamp, 1995.

ORLANDI, Eni. *Silêncios: presença e ausência*. In: *Revista ComCiência*. Campinas: UNICAMP/LABJOR, 10/09/2008.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 5. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2008.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Trad.: Eni Orlandi et alii. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1975].

PLATÃO. *Diálogos: Teeteto e Crátilo*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora da UFPA, 1988.

ZOPPI-FONTANA, M.G. *Contradição Social nas Práticas de Escrita da Lei*. 2004. Disponível em: <www.geocities.com/gt_ad/monicazoppifontana.doc> Acesso em: 23 de jun. 2013.

Analisadas

CHAMBERS, David Wave. *Stereotypic Images of the Scientist: The Draw-A-Scientist Test*. Victoria 3217: Deaking University, 1983.

HOMEM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Homem&oldid=36040611>>. Acesso em: 18 jun. 2013

MULHER. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mulher&oldid=36015483>>. Acesso em: 18 jun. 2013.